



CONSTRUÇÃO DE FORMAS FLEXIONAIS: O PLURAL DOS NOMES TERMINADOS EM -ÃO

CONSTRUCTING INFLECTIONAL FORMS: THE PLURAL FORMS OF NAMES ENDING IN -ÃO

Rui Pereira¹

RESUMO

É frequente os falantes hesitarem no momento de formarem o plural de nomes em -ão, uma vez que não existe uma relação biunívoca entre as formas de singular e de plural. Como se sabe, ao singular -ão correspondem três formas de plural (-ãos, -ães, -ões) e há alguns casos em que o mesmo lexema tem duas ou três formas de plural institucionalizadas. Tais palavras representam, portanto, um problema para o falante quando este necessita de produzir a forma de plural dos lexemas em causa, particularmente se esse lexema for novo ou desconhecido para ele. Neste artigo, para além de se analisar a informação de que o falante dispõe no momento da produção das formas de plural dos nomes em -ão, apresentam-se os resultados de um estudo empírico, que revelam as tendências de uso entre os falantes do Português Europeu quando estão em causa unidades lexicais com variantes opcionais de plural. Os resultados do estudo mostram que a variação não afeta do mesmo modo todos os lexemas e indicam que a flexão destes itens tende a estabilizar-se em função da pressão paradigmática exercida pelo padrão flexional [x-ão] ≈ [x-ões] sobre os demais. Tendo subjacentes alguns dos princípios postulados pela Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010, 2016) e pela Morfologia Relacional (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, 2019) a partir da arquitetura paralela de Jackendoff (2002), a reflexão empreendida ancora-se no modelo de análise morfológica das palavras do português seguido por Rodrigues (2015) e Rio-Torto *et al.* (2016).

Palavras-chave: Morfologia; Flexão; Paradigma; Padrão flexional; Léxico mental.

ABSTRACT

Speakers often hesitate when forming the plural of names in -ão, since there is no one-to-one relationship between the singular and plural forms. As it is known, the singular form -ão has three possible plural forms (-ãos, -ães, -ões) and there are some cases in which the same lexeme has two or three institutionalized plural forms. Such words therefore represent a problem for the speaker when the need arises to produce the plural form of the lexemes in question, particularly if that lexeme is new or unknown. In this article, in addition to analyzing the information the speaker has at the time of producing plural forms of names in -ão, we present the results of an empirical study, which reveal the usage trends among European Portuguese speakers when lexical units with optional plural variants are concerned. The results of the study show that the variation does not affect all lexemes in the same way and indicate that the inflection of these items tends to stabilize due to the paradigmatic pressure of the inflectional pattern [x-ão] ≈ [x-ões] upon the other options. Based on some of the principles of Construction Morphology (BOOIJ, 2010, 2016) and Relational Morphology (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, 2019) from the parallel architecture of Jackendoff (2002), the reflection undertaken is anchored in the morphological analysis model of Portuguese words followed by Rodrigues (2015) and Rio-Torto *et al.* (2016).

Keywords: Morphology; inflection; paradigm; inflectional pattern; mental lexicon.

1 Professor Auxiliar, Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / CELGA-ILTEC, unidade de I&D da Universidade de Coimbra, rui.pereira@uc.pt

Introdução

Vários estudos têm vindo a provar que o léxico mental inclui não apenas unidades linguísticas de extensão variável, mas também padrões ou esquemas relacionais entre essas unidades, tendo a mente do falante, entre outras funções, a capacidade de organizar as palavras em paradigmas baseados em diferentes parâmetros.

Uma das definições do termo **paradigma**² que se encontra frequentemente na literatura sobre morfologia flexional é a seguinte:

The paradigm of a lexeme L is a complete set of cells for L, where each cell is the pairing of L with a complete and coherent morphosyntactic property set (MPS) for which L is inflectable. (BOYÉ; SCHALCHLI, 2016, p. 207)

De acordo com esta conceção, cada lexema, em função das categorias morfossintáticas que pode expressar, define um conjunto de células que correspondem às possíveis atualizações desse lexema nos enunciados. Uma vez que esses espaços funcionais são preenchidos por *palavras morfossintáticas* (*formas de palavra e palavras gramaticais* são outras designações usadas), pode-se assumir que um paradigma corresponde também, por extensão, ao conjunto estruturado de palavras morfossintáticas de um lexema (MOTA, 2020a).

A partir da análise dos pareamentos de forma-função atestados nos paradigmas dos lexemas, o falante é ainda capaz de intuir a existência de *classes flexionais*, ou seja, modelos ou esquemas de flexão comuns a toda uma classe de lexemas. São exemplos clássicos dessas classes flexionais as declinações latinas ou as conjugações (1.^a, 2.^a e 3.^a) de verbos em português.

A reflexão aqui empreendida assenta na ideia de que as palavras se estruturam em três níveis, referentes à estrutura semântica, às propriedades morfossintáticas e à fonologia. No modelo de Arquitetura Paralela (JACKENDOFF, 2002), estes níveis de análise, embora sejam, em princípio, independentes e cada um deles apresente as suas próprias condições de boa formação, estão ligados uns aos outros através de interfaces. Nas representações morfológicas, usam-se índices para sinalizar a ligação relacional entre os constituintes das estruturas dos diversos níveis. Veja-se, por exemplo, a representação de uma palavra como *casas*, seguindo a formalização sugerida por Jackendoff e Audring (2016, p. 470).

(1)	semântica:	[PL (casa ₁)] ₂
	morfossintaxe:	[N ₁ N ₁ pl] ₂
	fonologia:	/'kazɐs/1, 2

Tanto na Morfologia Relacional (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, 2019) como na Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010, 2016), as palavras morfossintáticas são vistas como

² Sobre o conceito de paradigma, ver, entre outros, Anderson (1992), Blevins (2020), Bobaljik (2003), Carvalho (1983-1984), Mota (2020a), Rodrigues (2015, 2016), Stump (2015).

instanciações de *esquemas* ou padrões mentais de construção. Nestes modelos de análise, um esquema é formalmente igual às palavras que instancia, com as mesmas três camadas estruturais, mas, em vez de uma base lexical determinada, apresenta espaços vazios ou variáveis. Em (2), representa-se o esquema de construção das formas de plural dos nomes em português, seguindo o modelo adotado por Jackendoff e Audring (2016, p. 470), sendo a base nominal representada por (X) na semântica, por (N) na morfossintaxe e por uma sequência fonológica não especificada (...) na fonologia.

- (2) semântica: [PL (X1)]₂
morfossintaxe: [NN1 pl]₂
fonologia: [...1 s]₂

Booij (2016, p. 439) propõe uma representação semelhante, mas com os três níveis estruturais em paralelo: fonologia ↔ morfossintaxe ↔ semântica. Adaptada ao português, terá o seguinte formato:

- (3) <[(xi-s)ω-j ↔ [Ni, +pl]j ↔ [[SEMi] PLURAL]j>

Booij (2016) e Jackendoff e Audring (2016, 2019) assumem que os esquemas têm duas funções: (i) uma função relacional, uma vez que capturam generalizações entre as palavras existentes; e (ii) uma função gerativa, pois podem ser usados como base para novas construções morfológicas. Para estes autores, uma palavra construída segundo um esquema pode ser armazenada sem perder a estrutura interna que a liga aos padrões gramaticais da língua. Por via disso, ela passa a desempenhar uma função relacional, estabelecendo conexões com as outras instâncias desse esquema.

O conhecimento dos esquemas flexionais permite que um falante, uma vez exposto a um membro de um paradigma, infira de modo relativamente fácil a forma dos restantes membros desse paradigma, ou seja, permite resolver aquilo que tem sido designado como “paradigm filling cell problem” (cf. ACKERMAN; BLEVINS; MALOUF, 2009; ACKERMAN; MALOUF, 2016). Esse conhecimento perde, todavia, eficácia quando estão em causa lexemas cujos paradigmas apresentam menor estabilidade de contrastes pelo facto de alguma das palavras morfossintáticas ter sofrido uma alteração na sua forma numa fase pretérita da língua, como no caso dos nomes em -ão.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: em primeiro lugar, descrevem-se as particularidades da flexão dos nomes em -ão em português, a qual, devido à uniformização das formas no singular, é marcada, desde o século XVI, pela inexistência de uma relação biunívoca entre as formas de singular e de plural; de seguida, referem-se as análises de tipo sintagmático que têm sido apresentadas para explicar a geração das formas de plural dos lexemas sob escopo; posteriormente, indicam-se os padrões flexionais inferidos pelos falantes a partir da análise dos dados de acesso (*input*), salientando a interação que se verifica

entre aqueles e os dados memorizados no processamento das formas de plural; por último, apresentam-se os dados de um estudo empírico que mostra como, na prática, os falantes do Português Europeu resolvem o problema do preenchimento de células de um lexema na flexão em número dos nomes em -ão.

Flexão dos nomes em -ão

A flexão dos nomes em -ão é marcada por duas características particulares: (i) a inexistência de uma correspondência biunívoca entre singular e plural, havendo três possíveis formas de plural para uma única terminação no singular (*irmão* ≈ *irmãos*; *pão* ≈ *pães*; *limão* ≈ *limões*)³; (ii) a possibilidade de uma unidade lexical se manifestar de duas ou três formas diferentes no plural, sem que nenhuma delas seja considerada errada ao nível da norma padrão do Português Europeu (PE) (cf. *ancião* ≈ *anciãos*, *anciães*, *anciões*; *corrimão* ≈ *corrimãos*, *corrimões*; *vilão* ≈ *vilãos*, *vilões*).

Esta situação é o resultado de um fenómeno de uniformização ocorrido na transição do Português Antigo para o Português Moderno. Os nomes em -ão apresentavam, no Português Antigo, uma relação estável entre as respetivas formas de singular e de plural: os nomes que terminavam em -ão no singular formavam o plural em -ãos (cf. *mão* ≈ *mãos*); os nomes com terminação -ã, -am, -an faziam o plural em -ães (cf. *pan* ≈ *pães*); os nomes terminados em -õ, -om, -on apresentavam a terminação -ões no plural (cf. *leon* ≈ *leões*). A partir de meados do século XIV verifica-se um aumento gradual de ocorrências de formas não etimológicas em -ão (CARDEIRA, 2005, p. 152), que acaba por se tornar a única terminação de singular dos nomes em causa. Ou seja, os falantes passam a adotar as formas *pão* e *leão*, por exemplo, em vez das formas medievais *pã/pan/pam* e *leõ/leon/leom*. Disso dá notícia João de Barros na sua *Grammatica da lingua portuguesa*.

Os mais dos nomes que se deviam acabár ã *am* se escrevem a este modo. *Razão*, *razões*. E se o uso nam fosse ã contrairo que tem gram força açerca das cousas, nam me pareceria mal desterármos de nós esta prolaçam e orthografia galega (BARROS, 1540, p. 14).

A partir do século XVI, em virtude da uniformização ou sobrerregularização em -ão das diversas terminações de singular (cf. MAIA, 1986; CASTRO, 2013), deparamo-nos com um sistema de três terminações de plural para uma única forma padronizada de singular. A flexão dos nomes em -ão passa, então, a ser menos previsível e, conseqüentemente, mais instável, dando origem a situações de variação na expressão do plural (e.g. *ancião* ≈ *anciãos*, *anciães* e *anciões*).⁴

3 O símbolo ≈ representa a bidirecionalidade da correlação entre as formas contrastantes.

4 Para este nome, estão atestadas três formas de plural desde o século XVIII (ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, 1793, p. 294).

Por via disso, em termos sincrónicos, são frequentes as situações em que os falantes hesitam no momento de formarem o plural dos nomes em causa (por exemplo, o plural da palavra *corrimão* será *corrimões* ou *corrimãos*?).⁵ Outras vezes, os falantes, por desconhecimento (momentâneo ou não) dos paradigmas institucionalizados, produzem formas alternativas às usadas na norma padrão (e.g. *cidadões*, *alemãos* por *cidadãos* e *alemães*, respetivamente). Esta situação é muito comum, por exemplo, na linguagem infantil, onde se atestam formas como *irmões* (por *irmãos*) ou *limãos* (por *limões*).⁶

Os nomes em -ão são, portanto, uma classe morfológica de lexemas cuja flexão em número, por não apresentar a estabilidade de contrastes que tipicamente caracteriza a flexão nominal, exige uma atenção maior por parte do falante no momento da sua construção.

Sintagmática da flexão

Ackerman e Malouf (2016, p. 297) colocam o problema do preenchimento de células de um paradigma da seguinte forma: “Given exposure to an inflected word-form of a novel lexeme, what licenses reliable inferences about the other word-forms in its inflectional family?” Aplicado à classe de lexemas sob escopo, a formulação poderia ser a seguinte: no caso dos nomes em -ão, que informações determinam a decisão do falante no momento de produzir a forma de plural?

Vários autores procuraram explicar as diferentes formas de plural dos nomes em -ão com base em informações etimológicas, recorrendo ao étimo latino (FIGUEIREDO; FERREIRA, s.d.; CUESTA; LUZ, 1971), ou através da mediação do castelhano (LEÃO, 1576; FEIJÓ, 1734; BARBOSA, 1822). Essas observações, ainda que importantes para estudos de natureza diacrônica ou comparativa, são inócuas quando está em causa explicar o funcionamento sincrónico da língua, seja porque o falante não domina necessariamente essas línguas, seja porque nem sempre a forma de plural usada no português atual respeita as informações etimológicas. Por exemplo, a palavra *vulcão* apresenta no plural a forma *vulcões* com a vogal <õ> em vez da vogal etimológica <ã> ou <a> seguida de <n> (cf. *vulcão*, *vulcânico*, *vulcanismo*)⁷.

Em estudos mais recentes, o foco centrou-se nas propriedades fonológicas, prosódicas e morfológicas dos lexemas em causa (cf. MATTOSO CÂMARA JR., 1992; MATEUS, 2003; VELOSO, 2005; GONÇALVES, 2019; MOTA, 2020b).

5 Rodrigues (2015, p. 128) dá notícia da hesitação dos falantes entre as formas *afegões*, *afegãos* e *afegães* quando pretendem designar os cidadãos do Afeganistão.

6 Formas atestadas num informante masculino de 3 anos, pertencente ao agregado familiar do autor.

7 Bluteau (1721) e Silva (1789) registam, respetivamente, as palavras “vulcões” e “volcões”, correspondentes à forma etimológica de plural.

Mattoso Câmara Jr. (1992) sustenta que o plural se forma pela adjunção do sufixo *-s* ao tema dos nomes, o qual, nestes casos, pode apresentar uma de três formas teóricas: *-ão* (*mão: mãos*), **-ãe* (**pãe: pães*) ou **-õe* (**leõe: leões*). Nesta análise, estas três estruturas temáticas são neutralizadas no singular.

Outros autores descrevem a formação do plural dos nomes por meio de uma única regra morfológica – anexação do sufixo *-s* à margem direita do lexema – e de várias regras fonológicas ordenadas, divergindo apenas quanto à configuração da forma teórica das palavras envolvidas (MATEUS, 2003; GONÇALVES, 2019)⁸. Por exemplo, Mateus (2003, p. 1020), na linha da reflexão empreendida em Mateus e Andrade (2000), advoga que as palavras *irmãos*, *alemães* e *ladrões* têm as seguintes formas subjacentes:

- (4) a. irmãos < /irma [+ nasal]+o/ +s
 b. alemães < /alema [+nasal]/ + s
 c. ladrões < /ladro [+nasal]/ + s

Segundo esta autora, a palavra *irmãos* resulta da junção do sufixo de plural ao tema do singular: /irma [+ nasal]+o/ +s. Nas palavras *alemães* e *ladrões*, a vogal final do radical assimila o traço [+ nasal]; com a junção do sufixo *-s* de plural, dá-se a inserção de /j/ e conseqüente ditongação.

Veloso (2005) e Mota (2020b), por sua vez, defendem que a diversidade das formas de plural advém do facto de o sufixo de plural se anexar a temas com formas teóricas diferentes quanto à última vogal do radical e/ou à vogal temática. Segundo Veloso (2005, p. 330), as formas teóricas subjacentes aos plurais destas palavras são as seguintes (sendo RN = radical do nome, VT = vogal temática, MPL = morfema de plural):

- (5) a. /aN RN + O VT + S MPL/ ex. *irmãos*
 b. /aN RN + E VT + S MPL/ ex. *alemães*
 c. /oN RN + E VT + S MPL/ ex. *ladrões*

Não obstante o seu poder descritivo, estas propostas deparam-se sempre com o problema de explicar a existência de uma forma comum no singular, uma vez que se trata, como vimos, do resultado sincrónico de uma alteração diacrónica. Uma forma de ultrapassar esse problema passa por admitir que os nomes em *-ão* têm diferentes formas alomórficas de radical. Por exemplo, Villalva (2008, p. 161) defende que as palavras em *-ão* formam o plural por adjunção do sufixo *-s* a radicais atemáticos que dispõem de dois ou mais alomorfes (cf. *mão*, *man-*: pl. *mãos*; *cão*, *can-*, *cãe-*: pl. *cães*; *leão*, *leon-*, *leõe-*: pl. *leões*).

Outras vezes, na explicação das formas de plural, são invocadas informações de natureza prosódica. Por exemplo, segundo Cunha e Cintra (1994, p. 182) e Bechara (1999, p. 118), os

⁸ Gonçalves (2019, p. 114) ilustra a ativação desses processos fonológicos na produção das palavras *leões* e *cães* a partir dos radicais /le'oN/ e /'kaN/, respetivamente.

nomes em -ão com acento grave ou paroxítono fazem parte do grupo restrito de palavras com plural em -ãos (e.g. *acórdão* ≈ *acórdãos*; *bênção* ≈ *bênções*; *órfão* ≈ *órfãos*; *órgão* ≈ *órgãos*; *sótão* ≈ *sótãos*). Cunha e Cintra (1994, p. 182) incluem ainda neste grupo os monossílabos tónicos (cf. *chão* ≈ *chãos*; *grão* ≈ *grãos*, *mão* ≈ *mãos*; *vão* ≈ *vãos*), embora os nomes *cão* (pl. *cães*) e *pão* (pl. *pães*) contrariem essa generalização.

A flexão pode ainda ser condicionada pela presença de alguns sufixos derivacionais no radical dos nomes em causa. Apresentam sistematicamente formas de plural em -ões, os nomes sufixados com -ão, seja com valor aumentativo (*carrão* ≈ *carrões*; *garrafão* ≈ *garrafões*), agentivo (*chorão* ≈ *chorões*; *esfregão* ≈ *esfregões*) ou de continente/contentor (*papelão* ≈ *papelões*; *vidrão* ≈ *vidrões*), e ainda os nomes de evento deverbiais sufixados com -ção (*arrumação* ≈ *arrumações*; *demonstração* ≈ *demonstrações*).

Todas estas análises baseiam a decisão morfológica do falante em informações de carácter sintagmático. Se o papel da estrutura morfotática destas palavras é incontornável, a informação que a ela está associada é, todavia, insuficiente quando se trata de explicar que (i) nomes como *verão* e *vulcão*, por exemplo, tenham plurais não etimológicos em -ões (cf. *verão* ≈ *verões*, mas *veranear*, *veranil*; *vulcão* ≈ *vulcões*, mas *vulcânico*, *vulcanismo*), ou que (ii) o mesmo lexema possa ser realizado no plural de duas ou três formas distintas (cf. *vilão* ≈ *vilãos*, *vilões*; *sultão* ≈ *sultãos*, *sultães*, *sultões*). Tais situações encontram explicação quando se observam as relações paradigmáticas que se instituem neste domínio específico da flexão nominal e, particularmente, a competição existente entre esquemas ou padrões flexionais, um fenómeno que tem sido designado como “pressão paradigmática”

Relações paradigmáticas

Uma maneira de ultrapassar os problemas com que se defrontam as análises concatenativas consiste em postular representações de palavras inteiras, complementares a eventuais representações morfêmicas. Este postulado está no cerne seja do modelo de Morfologia Construcional desenvolvido por Booij (2010, 2016), seja da Morfologia Relacional proposta por Jackendoff e Audring (2016, 2019). Em ambos os modelos teóricos, os fenómenos morfológicos são formalizados através de esquemas que expressam generalizações intuídas pelos falantes sobre a forma, significado e sintaxe das palavras morfológicamente construídas, podendo servir para cunhar novas palavras.

Os falantes de uma língua conseguem analisar e atribuir estrutura interna a uma palavra se houver uma correlação sistemática entre forma e função gramatical, com base na comparação de dois conjuntos de palavras. Vejamos, por exemplo, o que se passa no domínio da flexão dos nomes em português.

- (6) a. casa, livro, ponte
- b. casas, livros, pontes

Podemos verificar que, em comparação com as palavras de (6a), as palavras de (6b) têm um constituinte *-s* adicional ao nível da forma a que corresponde a significação de ‘plural’. Ou seja, a atribuição de estrutura morfológica a uma palavra é baseada em relações paradigmáticas sistemáticas entre conjuntos de palavras.

A correlação forma-função gramatical que observamos nas palavras em (6a) e (6b), ou seja, correlação entre as formas singular e plural dos nomes, pode ser representada como um padrão ou esquema de construção com a configuração de (3) (adaptada de BOOIJ, 2016, p. 439), que agora retomamos como (7).

$$(7) \quad \langle [(xi-s)\omega-j \leftrightarrow [Ni, +pl]j \leftrightarrow [[SEMi] PLURAL]j] \rangle$$

O esquema (7) especifica a forma fonológica (*x-s*), a forma morfossintática (classe de palavras [N] e o valor da característica morfossintática para o número [+ plural]), e, por fim, a significação plural dos nomes [[SEM] PLURAL]. No nível fonológico, encontramos uma palavra prosódica ω que resulta da adjunção do sufixo *-s* a uma base nominal *x*. No nível semântico, o traço [+pl] é representado através do operador PLURAL, que pode ser interpretado como ‘mais do que um’. Cada uma das formas plurais concretas (e.g. *casas, livros, pontes*) é vista como uma instanciação deste esquema de construção abstrato.

O conhecimento deste esquema ou padrão flexional evita que o falante tenha de memorizar necessariamente todas as palavras morfossintáticas do português. A memorização de palavras flexionadas (tal como de palavras derivadas) na memória de longo prazo dependerá, entre outros fatores, da sua frequência de uso e não do facto de estas poderem ou não ser representadas em esquemas.

O padrão flexional representado em (7) não cobre todos os fenômenos verificados na flexão de número em português, nomeadamente o caso de nomes que tipicamente não pluralizam – os nomes próprios (e.g. *Ana, Bernardo*) e os massivos (e.g. *sangue, água, madeira*) –, de nomes que não apresentam forma singular, os *pluralia tanta* (e.g. *exéquias, núpcias, pêsames*), como também os casos em que alternância entre a forma singular e a forma plural não implica necessariamente uma alteração no número de referentes designados (cf. *a calça/as calças; a cueca/as cuecas*) ou ainda as situações em que o contraste singular/plural permite distinguir unidades lexicais diferentes (cf. *costa/costas, fêria/férias, óculo/óculos*)⁹

Booij (2016, p. 440) refere que a pluralização pressupõe que o nome envolvido é um nome contável, como se pode comprovar através do “efeito de coação” sofrido pelos nomes próprios, nomes abstratos e nomes massivos. Quando estes nomes são pluralizados (cf. *os Bernardos; os amores; as águas*), passam a ser interpretados como nomes contáveis.

9 Booij (2016, p. 440) assume que estas palavras são ligadas ao esquema por meio do que designa como “default inheritance”, segundo o qual as palavras individuais herdaram todas as propriedades do esquema a não ser que estejam especificadas de outra forma no léxico.

O esquema (7) representa a pluralização de nomes terminados em vogal, acentuada ou não, em ditongo oral e em ditongo nasal ortograficamente representado como -ãe ou -em (e.g. *pá* ≈ *pás*; *café* ≈ *cafês*; *táxi* ≈ *táxis*; *avó* ≈ *avós*; *peru* ≈ *perus*; *atum* ≈ *atuns*; *manhã* ≈ *manhãs*; *pai* ≈ *pais*; *mãe* ≈ *mães*; *homem* ≈ *homens*). Há, no entanto, palavras que apresentam -es no plural (e.g. *motor* ≈ *motores*; *freguês* ≈ *fregueses*; *rapaz* ≈ *rapazes*; *abdómen* ≈ *abdómenes*) ou alterações na forma do segmento final do lexema (e.g. *animal* ≈ *animais*; *anel* ≈ *anéis*; *funil* ≈ *funis*). Não consideramos que seja necessária a criação de um novo esquema ou subesquema para representar a pluralização de itens lexicais terminados em consoante vibrante, sibilante, nasal ou lateral. A ocorrência de vogais epentéticas e a semivocalização/ditongação são fenômenos fonológicos recorrentes em português, tornando evidente a interação entre os níveis morfológico e fonológico. Como notam Gonçalves e Carvalho,

[é] relevante notar que as interações entre as especificações morfológicas e fonológicas podem modificar as formas como as instanciações são atualizadas, o que fornece evidência para o acesso simultâneo dos níveis, e, conseqüentemente, para a gramática tripartida de Jackendoff (2002). (GONÇALVES; CARVALHO, 2016, p. 133)

Neste modelo, as formas de plural não são computadas com base na junção de um sufixo às formas teóricas dos lexemas, mas como membros de paradigmas, dentro dos quais estabelecem contrastes de forma-função. A ideia de que as palavras morfossintáticas se organizam em famílias paradigmáticas provou ser extremamente proveitosa na explicação de efeitos importantes da organização e processamento lexicais. Para Marzi *et al.*,

paradigms acquire an autonomous relevance in word processing: they stake out the linguistic space where lexical forms get co-activated and compete in word recognition and production through contrastive formal oppositions. (MARZI *et al.*, 2020, p. 257)

Os padrões ou esquemas flexionais são extremamente úteis no tratamento de fenômenos em que não existe uma correspondência de um-para-um entre forma e função/significado, como acontece na pluralização dos nomes em -ão. Havendo, para os nomes em -ão, três, e não apenas uma, formas de plural possíveis, o falante infere três esquemas de segunda ordem que, entre o esquema geral e as palavras morfossintáticas, permitem expressar generalizações sobre esses subconjuntos de nomes. As três possibilidades de formação de plural podem ser esquematizadas como (8), onde omitimos a contraparte semântica para facilidade de exposição:

- (8) a. <[(xi-ão)ω-j ↔ [Ni, +sg]] > ≈ <[(xi-ões)ω-j ↔ [Ni, +pl]] > produtivo
b. <[(xi-ão)ω-j ↔ [Ni, +sg]] > ≈ <[(xi-ães)ω-j ↔ [Ni, +pl]] > não produtivo
c. <[(xi-ão)ω-j ↔ [Ni, +sg]] > ≈ <[(xi-ãos)ω-j ↔ [Ni, +pl]] > não produtivo

As formas de plural que são instâncias do esquema (8c) (e.g. *mãos*, *irmãos*, *cidadãos*) são também instâncias do esquema (7). Optamos por considerar que se trata de um esquema

de segunda ordem uma vez que o falante, uma vez exposto a um nome em -ão que lhe seja desconhecido, não sabe, à partida, se aplica ou não o esquema geral (7). De facto, os esquemas (8a), (8b) e (8c) competem na expressão do plural dos nomes em -ão, havendo um esquema produtivo (8a), que tem a capacidade de ser usado em novas construções, e dois esquemas não produtivos (8b e 8c) que, embora estabeleçam generalizações sobre subconjuntos determinados de nomes em -ão, não se prevê que sejam usados em novas construções morfológicas.

Usa-se aqui o termo “produtivo” no sentido que lhe atribui Booij (2005, p. 67), ou seja, como capacidade de ser usado em novas construções. O falante toma consciência da produtividade ou não de um determinado padrão flexional quando, no curso da aquisição linguística e após uma suficiente exposição aos dados de input, determina se ele se aplica a um conjunto aberto ou a um conjunto fechado de itens lexicais. No fundo, é produtivo um padrão flexional passível de ser aplicado a lexemas novos ou desconhecidos.

A par de esquemas ou padrões flexionais, o falante também é capaz de memorizar palavras individuais, instâncias desses esquemas formativos. Como foi observado por Baayen, Dijkstra e Schreuder (1997) e por Baayen e Schreuder (2003), no holandês e no italiano, as formas de plural dos nomes, tendo uma frequência suficiente, são armazenados no léxico mental, ainda que sejam totalmente regulares. Como refere Booij,

Language users first acquire words, and only once they have acquired a sufficiently large set of words of a certain type can they conclude by abstracting morphological patterns. This pattern will be memorized beside the set of memorized words on which it is based, and the abstract pattern serves as a recipe for coining new complex words. (BOOIJ, 2016, p. 425)

Embora não seja o único fator relevante no âmbito do processamento lexical, assume-se geralmente que a frequência das unidades e das construções linguísticas influencia o modo como se organiza a informação no nosso léxico mental. De acordo com o Modelo de Redes (BYBEE 2002, 2006, 2010), palavras que ocorrem muitas vezes no discurso e/ou usamos com frequência são lembradas com mais facilidade, ao passo que palavras menos usadas são recuperadas do léxico mental com mais dificuldade, podendo mesmo ser esquecidas. Entre as posições geralmente assumidas, destacam-se as seguintes: (i) palavras com alta frequência de ocorrência incrustam-se com mais facilidade na memória de longo prazo e podem ser acedidas de forma independente; em contraste, palavras com baixa frequência têm mais dificuldade em serem ativadas por memorização; (ii) no caso de palavras irregulares, os itens com alta frequência de ocorrência apresentam uma maior resistência à mudança; em contrapartida, itens irregulares pouco frequentes são mais suscetíveis à influência de padrões construcionais mais frequentes.¹⁰ Convém, no entanto, ter presente que os valores de frequência variam de falante para falante,

¹⁰ Para uma análise mais profunda da relevância da frequência na análise linguística, veja-se Huback (2007, 2013).

pois os membros de uma determinada comunidade linguística apresentam diferentes graus de exposição aos dados e diferentes experiências de uso da sua língua (HUBACK, 2013).

Na medição da frequência, distinguem-se dois tipos de valores: (i) a *frequência de ocorrência* (“token frequency”) indica quantas vezes uma determinada palavra morfossintática (por exemplo, *corações*) ocorre num *corpus* linguístico; (ii) a *frequência de tipo* (“type frequency”) indica a quantidade de itens da língua que apresenta uma determinada estrutura ou padrão construcional. Ora, como nota Huback (2013, p. 83), “é a frequência de tipo, não a de ocorrência, que garante a produtividade de uma classe”.

No caso da flexão dos nomes em -ão, nota-se uma grande disparidade entre as frequências de tipo dos vários padrões flexionais (cf. Tabela 1), levando-nos a supor, como faz Huback (2013), que a alta frequência de tipo do padrão construcional [x-ão] \approx [x-ões] pode motivar a produção de formas em -ões em contextos em que se esperaria a realização do plural em -ãos ou em -ães.

Tabela 1. Frequência de tipo de [-ões], [-ãos] e [-ães] no Dicionário Eletrônico Houaiss

Tipos	número	% no grupo [-ão] singular	% no dicionário
[-ões]	7.260	97,8	3,17
[-ãos]	108	1,5	0,047
[-ães]	48	0,7	0,021
TOTAL	7.416	100	3,24

Fonte: Huback (2013, p. 88)

Em suma, a flexão dos nomes em -ão enquadra-se bem num modelo de processamento em rede, que conjuga, de forma interativa, informações sintagmáticas e paradigmáticas, os processos de memorização e de computação. Na linha de Booij (2010, 2016) e de Rodrigues (2015), consideramos que, quando necessita de usar um lexema num enunciado, o falante ativa padrões mentais que adquiriu por exposição aos dados linguísticos e constrói a forma de palavra que se adequa ao contexto sintático. O uso de padrões flexionais tem um carácter económico, pois evita-se assim que o falante tenha de memorizar necessariamente todas as palavras morfossintáticas. No entanto, ele também tem a possibilidade de usar palavras memorizadas. A memorização (ou armazenamento) torna-se necessária quando as palavras morfossintáticas não se conformam aos padrões flexionais operantes na língua ou exibem padrões flexionais não produtivos.

Numa situação concreta, quando colocado perante a necessidade de construir o plural de um nome em -ão, o falante opta pela forma mais facilmente acessível: umas vezes, será uma palavra morfossintática que ele memorizou; outras vezes, principalmente perante lexemas novos ou desconhecidos, os falantes ativam o esquema flexional [x-ão] \approx [x-ões], o único atualmente produtivo. A computação e a memorização devem ser entendidas não como duas vias de

processamento lexical em competição, como nos modelos *dual-route*, numa espécie de corrida em que a mais rápida ganha, mas como dois modos complementares de processamento, que se reforçam mutuamente e em que um ajuda a suprir as possíveis falhas do outro (KUPERMAN; BERTRAM; BAAYEN, 2008, 2010). Este tipo de análise tem a vantagem não apenas de evitar o recurso a uma miríade de processos fonológicos para explicar quer as diferentes formas de plural quer a forma -ão de singular (cf. VILLALVA, 2008, p. 176), como de dar conta da produção de formas não institucionalizadas devido à pressão paradigmática do plural em -ões.

A pesquisa

A existência de uma relação de um-para-três entre singular e plural e a variação opcional que se verifica na expressão do plural de alguns nomes em -ão têm uma causa histórica que criou e continua a criar condições favoráveis à contaminação paradigmática. Admitimos que o uso das formas concorrentes que alguns nomes em -ão exibem no plural seja marcado por fatores diversos, nomeadamente diacrónicos, dialetais e diastráticos, mas não há dados sobre o uso que permitam ter uma visão atual sobre essa variação. Por esta razão, decidimos elaborar um inquérito que permitisse investigar o conhecimento que os falantes do Português Europeu (PE) têm do conjunto de nomes que fazem o singular em -ão e, em particular, das formas de plural que lhe estão associadas. As perguntas que pretendíamos ver respondidas eram as seguintes: qual a extensão do conhecimento dos falantes em relação a este subconjunto específico de palavras? Qual das formas particulares de plural (em -ãos, -ões, -ães) os falantes utilizam numa situação concreta?

O facto de haver três possíveis terminações de plural é o principal gerador das dúvidas e hesitações dos falantes e da variação formal que daí resulta. Tendo em conta que a lista de nomes em -ão em que tal situação se verifica não tem contornos bem definidos – confrontem-se, por exemplo, as listas apresentadas em Cunha e Cintra (1994, p. 183) e Bechara (1999, p. 121) –, procurámos avaliar até que ponto essa situação se mantém atualmente.

Palavras-alvo

A nossa prioridade neste estudo foi selecionar palavras-alvo sobre as quais se esperava que a população inquirida tivesse diversos graus de conhecimento, desde palavras frequentemente atestadas nos enunciados a palavras de uso menos frequente (cf. Tabela 2). Dos doze lexemas em -ão aleatoriamente escolhidos, seis têm uma única forma padronizada de plural (*mão* e *cidade* [pl. -ãos]; *pão* e *alemão* [pl. -ães]; *coração* e *limão* [pl. -ões]); os restantes seis apresentam duas ou três formas de plural referenciadas em dicionários e em gramáticas de cariz normativo (*aldeão*, *ancião*, *artesão*, *corrimão*, *verão*, *vilão*)¹¹. Adicionamos ainda duas pseudo-palavras (*pomação*, *zlrão*) para aferir qual o comportamento dos falantes no caso do desconhecimento da palavra.

11 Tomámos por base as informações fornecidas pelos dicionários da Academia de Ciências de Lisboa (2001) e de Houaiss *et al.* (2002-2003) e pelas gramáticas de Cunha e Cintra (1994) e de Bechara (1999).

Tabela 2. Frequência de ocorrência das palavras-alvo no Corpus de Referência do Português Contemporâneo

LEXEMA	Formas atestadas	n.º total de ocorrências	n.º de ocorrências por milhão de palavras
ALDEÃO	aldeão	98	0.550.34
	aldeãos	51	0.18
	aldeães	1	0
	aldeões	159	0.55
ALEMÃO	alemão	10043	34.65
	alemãos	7	0.02
	alemães	5185	17.89
ANCIÃO	ancião	189	0.65
	anciãos	264	0.91
	anciães	33 ¹²	0.11
	anciões	2	0.01
ARTESÃO	artesão	231	0.8
	artesãos	816	2.82
	artesões	7	0.02
CIDADÃO	cidadão	14996	51.74
	cidadãos	51137	176.43
	cidadães	1	0
	cidadões	13	0.04
CORAÇÃO	coração	14047	48.46
	corações	1349	4.65
CORRIMÃO	corrimão	100	0.35
	corrimãos	11	0.04
	corrimões	18	0.06
LIMÃO	limão	1905	6.57
	limões	199	0.69
MÃO	mão	26856	92.66
	mãos	24455	84.37
PÃO	pão	8359	28.84
	pães	327	1.13
VERÃO	verão	13278	45.8
	verãos	1	0
	verões	223	0.77
VILÃO	vilão	418	1.44
	vilãos	12	0.04
	vilões	125	0.43

12 Das 33 ocorrências, dezanove correspondem a nomes próprios (antropónimos e topónimos).

Formato do inquérito

O inquérito foi aplicado de forma remota, em formato *Google Forms*, durante os meses de abril e maio de 2020. Pretendia-se saber (i) se o inquirido conhecia a unidade lexical, (ii) qual a forma (escrita) de plural que ele selecionava no contexto sintático apresentado e (iii) se a decisão era marcada pela (in)certeza. A figura 1, relativa à palavra “corrimão”, exemplifica a forma do inquérito aplicado a cada uma das palavras-alvo.

Figura 1. Questões relativas à palavra “corrimão”

The image shows a Google Form titled "Corrimão". It contains three questions:

- Question 1: "Conhece a palavra CORRIMÃO?" with radio button options for "Sim" and "Não.".
- Question 2: "As escadas estavam protegidas por _____ dourados." with radio button options for "corrimões", "corrimãos", and "corrimães".
- Question 3: "Teve dúvidas na escolha da forma de plural?" with radio button options for "Sim." and "Não.".

Participantes

Sob a garantia de anonimato, tivemos um total de 144 participantes, 91 do sexo feminino e 53 do sexo masculino, residentes nas regiões de Coimbra e de Viseu (Portugal), distribuídos por diversos níveis de ensino, desde o ensino básico ao ensino universitário.

Resultados do estudo

Os resultados apurados permitem-nos agrupar os nomes em -ão em vários grupos quanto ao conhecimento que os falantes deles têm e ao modo como processam a(s) sua(s) forma(s) na flexão.

Grupo I. Como era mais ou menos esperado, os nomes *mão*, *pão*, *limão* e *coração*, de uso comum e frequente, são conhecidas de todos os inquiridos e a sua forma de plural não suscitou qualquer dúvida. Nestes itens, todos os inquiridos selecionaram as formas padronizadas de plural (*mãos*, *pães*, *limões* e *corações*).

Grupo II. No caso de *alemão*, *cidadão*, *corrimão*, *verão* e *vilão*, o conhecimento destas palavras (cerca de 100% em todas) não implica automaticamente que os inquiridos saibam qual é a forma de plural sancionada pela comunidade linguística, como se pode ver na Tabela 3. A palavra *artesão* destaca-se claramente neste aspeto, com 29,9% dos inquiridos a declarar que “Teve dúvidas na escolha da forma de plural”.

Tabela 3. Níveis de (in)certeza dos falantes na produção das formas de plural

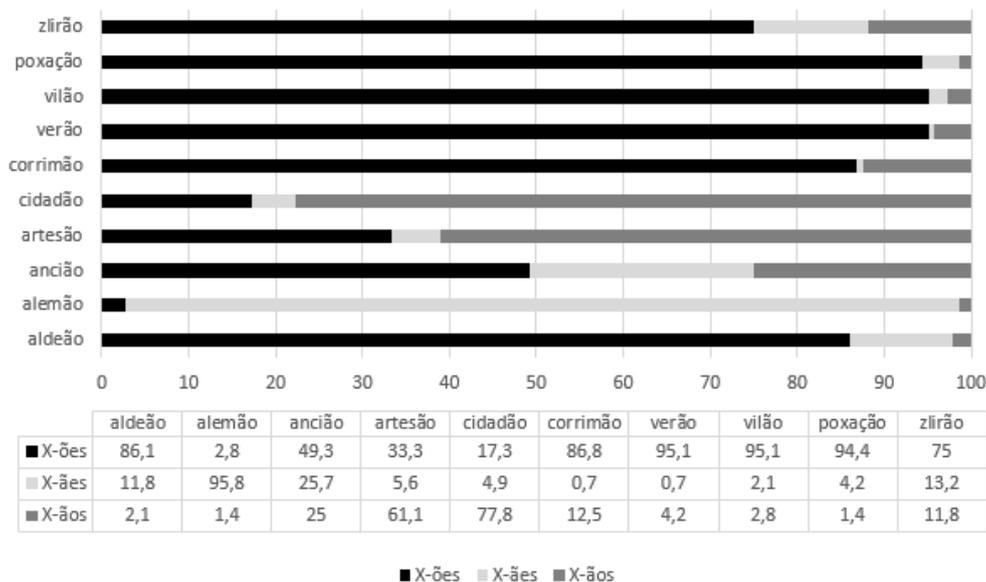
LEXEMA	Teve dúvidas?	
	sim	não
ARTESÃO	29,9%	70,1%
CORRIMÃO	13,2%	86,8%
CIDADÃO	11,1%	88,9%
VERÃO	9,0%	91,0%
VILÃO	6,9%	93,1%
ALEMÃO	5,6%	94,4%

Grupo III. O terceiro grupo inclui lexemas que não são conhecidos pela totalidade dos informantes. É o caso dos nomes *aldeão* e *ancião*, desconhecidos, respetivamente, de 3,5% e 4,2% dos inquiridos. O menor conhecimento destes itens lexicais é acompanhado de um maior grau de incerteza no momento de produzir as respetivas formas de plural (22,5% e 38,9%, respetivamente).

Grupo IV. O último grupo inclui os itens *poxação* e *zlrão*. Embora se tratando de palavras inexistentes, 19,4% dos informantes afirmaram conhecer a palavra *poxação* e 3,5%, a palavra *zlrão*. O nível de incerteza revelado nestes casos é claramente superior (*poxação*: 59,7%; *zlrão*: 81,9%). No caso da palavra *poxação*, a resposta dos inquiridos foi provavelmente influenciada pela similaridade formal da terminação desta palavra com o sufixo -ção, muito comum na formação de nomes de evento deverbais em português.

Considerando as escolhas dos inquiridos quando o estímulo é alguma das unidades lexicais dos grupos II, III e IV, podemos verificar que a variante formal selecionada no plural varia conforme o item lexical em causa, como se pode ver no gráfico 1.

Gráfico 1. Percentagem de uso das variantes formais de plural dos nomes em -ão



Importa ainda referir que não encontramos nos dados recolhidos evidências claras da relevância dos fatores “idade” e “grau instrução” no conhecimento dos itens lexicais em análise e na sua construção flexional. Por exemplo, palavras como *aldeão*, *ancião* e *artesão* não são conhecidas por alguns alunos do 3.º ciclo e do ensino secundário. Por outro lado, a seleção de formas não institucionalizadas, como *alemãos* e *alemões*, ocorre em diferentes níveis de escolaridade (2.º ciclo, 3.º ciclo e ensino superior). Para aferir da relevância dos fatores “idade” e “grau instrução”, será importante alargar o inquérito não apenas a um maior número de informantes, mas também a alunos do pré-escolar e do 1.º ciclo do ensino básico.

Discussão dos resultados

Muitas das propostas de análise morfológica assentam as suas observações na competência de um falante/ouvinte idealizado, perfeito conhecedor de todas as propriedades das unidades lexicais e dos padrões flexionais. Todavia, os dados sustentam a ideia de que os falantes não possuem um conhecimento uniforme sobre as unidades lexicais e não procedem todos da mesma forma na hora de selecionar o plural dos nomes em -ão, indo ao encontro do que é observado por Plag e Balling (2020, p. 325): “Morphological knowledge itself seems to vary across speakers as a function of education, and may interact with differences in orthographic knowledge or register”.

Em segundo lugar, constata-se que mesmo as unidades lexicais com uma única forma de plural padronizada (cf. *alemão* ≈ *alemães* - 95,8%; *cidadão* ≈ *cidadãos* - 77,8%) apresentam alguma variação flexional, consubstanciada na produção de formas previstas no sistema flexional, mas não aceites ao nível da norma (cf. *alemãos*, *alemões* / *cidadões*, *cidadães*).

Em terceiro lugar, a distribuição das variantes em competição é geralmente muito desequilibrada, como se comprova pela análise do Gráfico 1. Isto leva-nos a pensar que, pese embora a variação existente, a flexão das palavras sob escopo tende para a estabilização, isto é, para o uso cada vez mais sistemático de um único esquema de construção. Por exemplo, de acordo com os dados apurados, os nomes *verão* e *vilão* encontram-se já numa fase muito avançada desse processo, pois cerca de 95% dos informantes selecionou as formas *verões* e *vilões*, respetivamente. O mesmo não acontece com *ancião* e *artesão*, na medida em que existe algum equilíbrio entre as suas variantes de plural, ainda que com alguma vantagem das formas *anciões* (49,3%) e *artesãos* (61,1%), respetivamente. Como refere Aronoff (2016), se duas (ou mais) estratégias linguísticas competirem pelos mesmos recursos, a competição acaba eventualmente por se diluir, mas pode levar muito tempo.

Em quarto lugar, na maioria dos lexemas com duas ou três formas de plural, o esquema [x-ão] ≈ [x-ões] assume-se como esquema construcional dominante (representado a preto no Gráfico 1). Esta tendência evolutiva no sentido da estabilização dos paradigmas em [x-ão] ≈ [x-ões] não é recente. Said Ali, em 1931, já referia o seguinte:

Nos seguintes, posto que passem por ter plural duvidoso, tende a fixar-se a forma regular em -ões: *aldeão*, *aldeãos* e *aldeões*; *ancião*, *anciãos*, *anciães* e *anciões*; *villão*, *villãos* e *villões*; *truão*, *truães* e *truões*.

Entre os escriptores antigos e, ainda, entre quinhentistas e seiscentistas eram em maior numero as excepções e oscillações. (SAID ALI, 1931, p. 53)

Independentemente das informações veiculadas pelo radical/tema do lexema, verifica-se nos casos em análise (com exceção de *artesão*) um fenómeno de pressão paradigmática do esquema construcional mais facilmente acessível, por ser o mais frequente e o único produtivo atualmente.

Por fim, os dados apurados em relação aos lexemas *verão* e *vilão* parecem confirmar a ideia já defendida há meio século por Mattoso Câmara Jr. (1992: 96) de que “Essa variação livre não é tão frequente quanto as longas listas das nossas gramáticas vêm a sugerir. É que muitas das formas que aí se apresentam não existem na realidade na língua viva”. De facto, de acordo com os dados coletados, a quase totalidade dos inquiridos seleciona as formas *verões* e *vilões*, apresentando as outras variantes um número quase residual de ocorrências.

Conclusões similares podem ser retiradas da análise dos valores de frequência de ocorrência constantes do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), do Corpus do Português (CP) e do CETEMPúblico referentes aos seis lexemas-alvo que apresentam duas ou três formas de plural institucionalizadas (Tabela 4).

Tabela 4. Valores de frequência de ocorrência das formas de plural dos nomes em -ão no CRPC, no Corpus do Português e no CETEMPúblico

Corpus de Referência do Português Contemporâneo			
LEXEMA	[x-ões]	[x-ãos]	[x-ães]
ALDEÃO	159	51	1
ANCIÃO	2	264	33
ARTESÃO	7	816	0
CORRIMÃO	18	11	0
VERÃO	223	1	0
VILÃO	125	12	0
Corpus do Português			
LEXEMA	[x-ões]	[x-ãos]	[x-ães]
ALDEÃO	28	18	0
ANCIÃO	37	29	1
ARTESÃO	5	83	0
CORRIMÃO	2	3	0
VERÃO	49	0	0
VILÃO	53	6	0
CETEMPúblico			
LEXEMA	[x-ões]	[x-ãos]	[x-ães]
ALDEÃO	351	0	0
ANCIÃO	24	145	1
ARTESÃO	4	1033	0
CORRIMÃO	11	29	0
VERÃO	134	0	0
VILÃO	231	5	0

Os valores de frequência constantes destas bases de dados confirmam a ideia de que o plural dos nomes *aldeão*, *verão* e *vilão* tende para a estabilização em [x-ões]. Aliás, no caso de

verão, essa estabilização parece já estar concluída, dada a inexistência de ocorrências em -ões e de estar atestada apenas uma ocorrência em -ãos no CRPC.

Confirma-se também a prevalência das formas em [x-ãos] na construção do plural do nome *artesão*.

Em relação aos lexemas *ancião* e *corrimão*, nota-se alguma divergência nos valores de frequência constantes destas bases de dados. No caso de *ancião*, enquanto o CRPC e o CETEM Público atestam uma prevalência do plural em -ãos, o Corpus do Português confere uma ligeira superioridade às ocorrências em -ões, em linha com os resultados apurados no nosso estudo. No que ao nome *corrimão* diz respeito, o Corpus do Português e o CETEM Público registam uma ligeira superioridade do plural em -ãos, ao contrário do CRPC, que apresenta uma maior incidência de ocorrências em -ões. Neste caso, os resultados obtidos no estudo realizado estão em linha com os valores extraídos do CRPC, uma vez que 86,8% dos informantes optaram pela forma *corrimões*.

Impõe-se, por isso, à luz destes dados e da variação atestada, a realização de mais estudos e de estudos mais abrangentes que avaliem a constituição dos paradigmas dos nomes em -ão e analisem a sua evolução nos próximos tempos.

Conclusão

As relações entre forma e função/significado que se verificam no nível morfológico são muitas vezes complexas e gradientes, tendo dificuldade em ser reduzidas a um conjunto de unidades analisáveis e discretas e/ou a mecanismos de combinação. Na flexão dos nomes em -ão, verifica-se a confluência de informações de natureza sintagmática e paradigmática. Tão ou mais importante que o aparato fonológico e morfológico do lexema, para a geração de uma determinada forma de plural é importante o conhecimento que o falante detém dos esquemas construcionais, da sua maior ou menor frequência, da sua produtividade, e ainda o conhecimento de formas individuais memorizadas.

As palavras morfossintáticas correspondem a instâncias de esquemas formativos inferidos e reproduzidos pelos membros de uma comunidade linguística. No caso dos nomes em -ão, a exposição aos dados do português permite que os falantes abstraíam três esquemas ou padrões mentais de formação do plural, que retomamos aqui numa versão simplificada.

- (9) a. [x-ão]N Sing \approx [x-ões]N Pl (produtivo)
 b. [x-ão]N Sing \approx [x-ãos]N Pl (não produtivo)
 c. [x-ão]N Sing \approx [x-ães]N Pl (não produtivo)

Apesar do baixo número de informantes envolvidos no estudo realizado e de se tratar de dados decorrentes de produção elicitada (controlada), os resultados apurados indiciam que, na expressão do plural dos nomes em -ão, a variação não é tão extensa quanto alguns dicionários e gramáticas indicam. Alguns destes nomes, pertencentes a subconjuntos fechados de itens,

têm uma flexão ‘marcada’, fazendo o plural em -ãos (9b) ou em -ães (9c), respetivamente (cf. *irmão* ≈ *irmãos*; *capitão* ≈ *capitães*). Dado o seu carácter marcado, estas formas de plural são geralmente memorizadas. Perante nomes em -ão desconhecidos e/ou flexionalmente não marcados, porque não pertencentes àqueles subconjuntos, os falantes ativam geralmente o esquema [x-ão] ≈ [x-ões], que é o esquema flexional mais frequente e o único atualmente produtivo. Este tipo de análise tem a vantagem não apenas de dar conta da produção de formas de plural não padronizadas, embora previstas na flexão nominal, como da diminuição (nalguns casos, a quase neutralização) da variação na expressão do plural dos nomes em -ão devido, em grande parte, à pressão paradigmática exercida pelo esquema construcional dominante.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (ed.). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa / Editorial Verbo, 2001.

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Officina da mesma Academia, 1793.

ACKERMAN, F.; BLEVINS, J. P.; MALOUF, R. Parts and wholes: implicative patterns in inflectional paradigms. In: BLEVINS, J. P.; BLEVINS, J. (eds.). *Analogy in grammar: Form and acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 54–82.

ACKERMAN, F.; MALOUF, R. Implicative relations in word-based morphological systems. In: HIPPISEY, A.; STUMP, G. T. (eds.). *The Cambridge handbook of morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 297-328.

ANDERSON, S. R. *A-morphous morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ARONOFF, M. Competition and the lexicon. In: ELIA, A.; IACOBINI, C.; VOGHERA, M. (eds.). *Livelli di analisi e fenomeni di interfaccia. Atti del XLVII Congresso Internazionale della Società di Linguistica Italiana*. Roma: Bulzoni Editore, 2016, p. 39-52.

BAAYEN, R. H.; DIJKSTRA, T.; SCHREUDER, R. Singulars and plurals in Dutch. Evidence for a parallel dual route model. *Journal of Memory and Language*, v. 36, p. 94-117, 1997.

BAAYEN, R. H.; SCHREUDER, R. (eds.). *Morphological structure in language processing*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

BARBOSA, J. S. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1822.

BARROS, J. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigi[m], Typographum, 1540.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.

BLEVINS, J. P. Two frameworks of morphological analysis. *Linguistic analysis* (no prelo). Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/339596102>. Acesso em: 28 nov. 2020.

BLUTEAU, R. *Vocabulário português e latino* [...]. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

BOBALJIK, J. D. What's in a paradigm? In: BOOIJ, G. *et al.* (eds.). *Topics in morphology. Selected papers from the Third Mediterranean Morphology Meeting (Barcelona, September 20-22, 2001)*. Barcelona: Institut de Linguística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 2003, p. 91-108.

BOOIJ, G. (2005). *The grammar of words: an introduction to linguistic morphology*. Oxford: Oxford University Press.

BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, G. Construction morphology. In: HIPPISEY, A.; STUMP, G. T. (eds.). *The Cambridge handbook of morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 424-448.

BOYÉ, G.; SCHALCHLI, G. The status of paradigms. In: HIPPISEY, A.; STUMP, G. T. (eds.). *The Cambridge handbook of morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 206-234.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2002, p. 602-623.

BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, v. 82, n. 4, p. 529-551, 2006.

BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

CARDEIRA, E. *Entre o português antigo e o português clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

CARVALHO, J. G. H. *Teoria da linguagem: natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas*. 6.ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1983-1984.

CASTRO, I. Formação da Língua Portuguesa. In: RAPOSO, E. B. P. *et al.* (orgs.). *Gramática do português*. v. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 5-14.

CETEMPúblico 1.7 v. 11.2 (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público). Disponível em: <https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO>. Acesso em: 6 out. 2020.

CRPC - Corpus de Referência do Português Contemporâneo. Disponível em: http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_crpc.php. Acesso em: 5 abr. 2021.

CUESTA, P. V.; LUZ, M. A. M. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1971.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 10.ed. Lisboa: João Sá da Costa, 1994.

DAVIES, F. M. *Corpus do Português*. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 6 out. 2020.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2001. Rio de Janeiro: Objetiva.

FEIJÓ, J. M. M. *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza*. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1734.

FIGUEIREDO, J. N.; FERREIRA, A. G. *Compêndio de gramática portuguesa*. Porto: Porto Editora, s. d.

GONÇALVES, C. A. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, C. A.; CARVALHO, W. B. *Morfologia construcional aplicada à flexão*. In: GONÇALVES, C. A. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 131-145.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. (dir.). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002-2003.

HUBACK, A. P. *Efeitos de frequência nas representações mentais*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

HUBACK, A. P. A interferência da frequência em fenômenos linguísticos. *D.E.L.T.A.*, v. 29, n. 1, p. 79-94, 2013.

JACKENDOFF, R. *Foundations of language*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Morphological schemas: theoretical and psycholinguistic issues. *The mental lexicon*, v. 11, p. 467-493, 2016.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Relational morphology in the parallel architecture. In: AUDRING, J.; MASINI, F. (eds.). *The Oxford handbook of morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2019, p. 390-408.

KUPERMAN, V.; BERTRAM, R.; BAAYEN, R. H. Morphological dynamics in compound processing. *Language and cognitive processes*, v. 23, p. 1089-1132, 2008.

KUPERMAN, V.; BERTRAM, R.; BAAYEN, R. H. Processing trade-offs in the reading of Dutch derived words. *Journal of memory and language*, v. 62, p. 83-97, 2010.

LEÃO, D. N. *Orthographia da lingua portuguesa [...]*. Lisboa: João de Barreira, 1576.

MAIA, C. A. *História do galego-português. Estudo linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

MARZI, C.; BLEVINS, J. P.; BOOIJ, G.; PIRRELLI, V. Inflection at the morphology-syntax interface. In: PIRRELLI, V.; PLAG, I.; DRESSLER, W. U. (eds.). *Word knowledge and word usage*. Berlin/Munich/Boston: De Gruyter Mouton, 2020, p. 228-294.

- MATEUS, M. H. M. Fonologia. In: MATEUS, M. H. M. *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 5.ed. Lisboa: Caminho, 2003, p. 987-1033.
- MATEUS, M. H.; ANDRADE, E. *The phonology of portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. *Estrutura da língua portuguesa*. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MOTA, M. A. Introdução à morfologia. In: RAPOSO, E. B. P. *et al.* (orgs.). *Gramática do português*. v. III. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2020a, p. 2787-2831.
- MOTA, M. A. Morfologia do nome e do adjetivo. In: RAPOSO, E. B. P. *et al.* (orgs.). *Gramática do português*. v. III. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2020b, p. 2835-2930.
- PLAG, I.; BALLING, L. W. Derivational morphology: an integrative perspective on some fundamental questions. In: PIRRELLI, V.; PLAG, I.; DRESSLER, W. U. (eds.). *Word knowledge and word usage*. Berlin/Munich/Boston: De Gruyter Mouton, 2020, p. 295-335.
- RIO-TORTO, G. (ed.); RODRIGUES, A.; PEREIRA, I.; PEREIRA, R.; RIBEIRO, S. *Gramática derivacional do português*. 2.ed. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.
- RODRIGUES, A. S. *A gramática do léxico. Morfologia derivacional e o léxico mental*. Muenchen: Lincom Europa, 2015.
- RODRIGUES, A. S. Noções basilares sobre a morfologia e o léxico. In: RIO-TORTO, G. *et al.* *Gramática derivacional do português*. 2.ed. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016, p. 35-133.
- SAIDALI, M. *Grammatica historica da lingua portugueza*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1931.
- SILVA, A. M. *Diccionario da lingua portugueza [...]*. Lisboa: Of. de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.
- STUMP, G. *Inflectional paradigms: content and form at the syntax-morphology interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- VELOSO, J. Estrutura interna e flexão de número dos nomes terminados em “-ão”: onde reside a «irregularidade»? In: RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, M. O.; SILVA, F. (orgs.). *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2005, p. 325-338.
- VILLALVA, A. *Morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.